Primeira safra de milho no Centro-Sul superou as expectativas

A grande safra deverá manter os preços baixos ao longo da comercialização.

Quando da época do plantio da primeira safra de milho 1994/95 no Centro-Sul, as notícias a respeito eram de duas ordens. De um lado, havia fatores que o favoreciam, tais como a necessária rotação com a soja (para controlar as doenças desta última), a manutenção da demanda por parte das indústrias de rações e o desestímulo que se manifestava junto ao mercado da soja (diante da influência da defasagem cambial sobre as exportações e dos baixos preços previstos em conseqüência da elevada oferta mundial da leguminosa). De outro lado, a seca que atingiu diversas áreas produtoras desde fins do primeiro semestre de 1994, ao atrapalhar os planos de plantio da safra de verão, fez com que fossem esperados prejuízos no rendimento físico das diversas culturas.

Em conseqüência, as primeiras previsões sobre o futuro resultado da colheita do milho foram recheadas de cautela, preferindo-se optar por uma perspectiva de repetição da área semeada e do rendimento.

Esta opção revelou-se acertada, pois a Conab apurou, no início deste ano, que a extensão cultivada com o cereal da primeira safra no Centro-Sul foi somente 2,5% maior do que os 8,8 milhões de hectares de 1993/94.

Por outro lado, as condições climáticas favoráveis ao longo do desenvolvimento das plantas e a gradual agregação de melhorias tecnológicas nas lavouras garantiram um ganho adicional de quase 10% no rendimento físico esperado, que deverá ser de 3.440kg/ha.

Desta forma, a colheita do Centro-Sul nesta primeira fase foi prevista em cerca de 31,1 milhões de toneladas, num avanço de quase 13% sobre a safra anterior.

A esta produção ainda deverão juntar-se duas outras colheitas: aquela referente à porção setentrional do país e o grão obtido na chamada safrinha (ou segunda safra do Centro-Sul, que já se consolidou como uma alternativa às culturas locais de inverno).

Em 1993/94, o Norte e o Nordeste produziram, em conjunto, cerca de 3,4 milhões de toneladas de milho, quantidade que se insere dentro da normalidade para a região. Já na safrinha colheram-se perto de 2,2 milhões de toneladas, também num desempenho normal.

Supondo-se, portanto, que estas duas produções alcancem, em 1995, patamar próximo a 6 milhões de toneladas, o país estará em vias de produzir um total de 37 milhões de toneladas de milho, ou 12% acima do que se colheu em 1994.

Estoque final em 1994/95: quase 7 milhões de toneladas

Partindo destes dados, a Conab elaborou o balanço de oferta e demanda do grão para 1994/95. Mesmo tendo sido previsto que o consumo avance 8% em relação às 32,7 milhões de toneladas registradas na temporada anterior, o estoque final deverá alcançar um recorde histórico, ficando 40% acima do anterior (que foi o nível mais alto jamais atingido).

A perspectiva de folga na oferta do cereal para a atual temporada adequa-se muito bem aos fortes planos expansionistas que vêm sendo detectados junto à avicultura e à suinocultura comerciais. Afinal, o momento é especialmente feliz para um avanço na oferta dessas carnes — tanto pela ampla disponibilidade do milho, como pelo maior consumo de bens de um modo geral, ditado pela queda da inflação e pela estabilização dos preços.

A colheita do Centro-Sul nesta primeira fase foi prevista em cerca de 31,1 milhões de toneladas.

De acordo com algumas previsões já elaboradas por instituições ligadas a ambas as atividades, a produção de carne avícola em 1995 deverá romper a barreira das 3,8 milhões de toneladas, enquanto a de carne suína poderá chegar a praticamente 1,4 milhão.

No caso da carne de aves, o aumento previsto de 10% em relação à produção obtida em 1994 já pode ser parcialmente confirmado a partir do plantel nacional de matrizes de corte. O total destas aves, cujo início e/ou final de postura se dará ao longo de 1995, foi calculado pela Associação Paulista de Avicultura (APA), em dezembro último, em nível 4,5% superior ao seu equivalente para 1994.

Os dados da Associação Brasileira dos Produtores de Pintos de Corte (Apinco) para a produção de carne de frango no primeiro bimestre do ano de 1995 registraram a tendência de aumento da oferta. O total chegou a quase 700 mil toneladas, ou 24% a mais do que no mesmo período de 1994. O percentual de ociosidade na produção de pintos de corte nesses dois meses mostra o ímpeto do setor, tendo sido de somente 3,6%.

O tom alarmista presente em algumas manifestações de lideranças setoriais decorre da pressão que o aumento da oferta poderá ter sobre os preços recebidos pelos avicultores. No início de março, por exemplo, o quilo do frango vivo valia, ao produtor, menos da metade do valor registrado no começo de janeiro.

A avicultura é a maior consumidora de rações comerciais no Brasil

Brasil — Produção e consumo de rações, aves, suínos e milho — 1990 a 1995 (em mil t)

Ano	Produção total de rações	Consumo de rações[2]		Consumo de milho
		Avicultura	Suinocultura	
1990	16.117,9	10.392,1	4.960,1	9.815,8
1991	17.547,1	11.132,1	5.196,3	10.803,2
1992	18.226,4	11.632,6	5.748,2	11.222,3
1993	19.025,7	12.284,2	5.867,7	11.733,6
1994	20.273,3	13.304,4	5.987,7	12.477,3
1995[1]	21.897,2	14.606,2	6.284,7	12.494,5

Fonte: Associação Nacional de Fabricantes de Rações — Anfar.

[1] Previsão.

[2] Conversão alimentar de 2,1:1 para corte, de 72,6kg:30 dúzias para postura e de 2,9:1 para suinocultura.

Recorde histórico no estoque final de 1994/95

Brasil — milho — anos-safra 1990/91 a 1994/95 (em mil t)

Ano-safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Consumo	Exportação	Estoque final
1990/91	1.237,1	24.041,4	832,2	25.288,0	0,0	822,7
1991/92	822,7	30.770,8	340,0	28.500,0	0,0	3.433,5
1992/93	3.433,5	29.179,7	1.220,0	30.775,0	0,0	3.058,2
1993/94	3.058,2	33.123,4	1.200,0	32.732,0	0,0	4.649,6
1994/95	4.649,6	36.607,2	600,0	35.350,0	0,0	6.506,8

Fonte: Conab/Dipla (estimativas de fevereiro de 1994).

Obs.: Dados preliminares para 1994/95; data-base: 10 de março.

Se é verdade que esta depressão poderá arrefecer à medida que terminarem a safra de carne bovina e o período de férias, por outro lado chama a atenção o fato de a APA ter calculado um vigoroso salto no alojamento das matrizes de corte nos meses de setembro a novembro de 1994. Isto porque se trata de aves cujos meses de início de produção serão, respectivamente, abril, maio e junho, época em que, tradicionalmente, a entressafra bovina propicia aumentos generalizados nos preços do complexo cárneo.

Crescimento da suinocultura dependerá do marketing

Já no que diz respeito à suinocultura, o otimismo refletido no aumento projetado de quase 5% na produção anual da carne provém da conjuntura favorável que o segmento tem encontrado nos mercados externo e interno. No primeiro caso, a retomada das vendas ao exterior vem, há três anos, animando os produtores, que amargavam o ocaso deste comércio desde a segunda metade da década de 70. Embora não representem mais do que 3% da produção (contra 13% no caso da avicultura), as exportações têm estimulado as empresas a buscarem incrementar as vendas de seus produtos também internamente.



Prova disto foi a pesquisa de mercado encomendada pela Associação Brasileira de Criadores de Suínos (ABCS) a uma consultoria de *marketing* em meados de 1994, com o objetivo de melhor conhecer a mercadologia desta carne, e que apontou, entre outras, a necessidade de segmentação e diferenciação do produto para maior sucesso das vendas.

A produção de carne avícola em 1995 deverá romper a barreira das 3,8 milhões de toneladas.

De posse desta informação, produtores e indústrias decidiram pela criação de um fundo permanente de recursos para o custeio dos investimentos em promoção da carne *in natura*, que deverá ter maior destaque nos meios de comunicação e nos estabelecimentos varejistas. Desta forma, pretendem que se mantenha, até o ano 2000, o rit-

mo médio anual de quase 6% a.a. que vem sendo obtido desde 1990 no crescimento da produção de carne de porco.

Portanto, as perspectivas de crescimento tanto da avicultura quanto da suinocultura deverão dar suporte ao escoamento do milho produzido em 1994/95, dado que a alimentação animal (por meio do arraçoamento direto nas propriedades e do uso de rações comerciais) tradicionalmente responde por 80% do consumo total do grão no país. Prova disto é a recente previsão elaborada pela Associação Nacional dos Fabricantes de Rações (Anfar) de que a produção brasileira de rações comerciais em 1995 deverá beirar 22 milhões de toneladas, ou 8% a mais do que o registrado no ano passado.

É elevada a disponibilidade de milho em EGF e AGF

Por outro lado, a comercialização do cereal não poderá prescindir de sintonia fina que leve em conta o fato de estar sendo esperado um superávit recorde na atual temporada. Isto porque a eventual frustração dos produtores com o resultado financeiro após as vendas obviamente implicará desestímulo ao plantio do milho na safra de verão 1995/96 e um menor uso de insumos modernos na próxima semeadura.

Em fevereiro, por exemplo, a informação de que o governo não iria atualizar o preço mínimo pela inflação passada, além de ter frustrado os produtores, também reforçou a tendência de desvalorização das cotações detonada pela ampla oferta. Nos estados da região Sul do país, o preço recebido passou a oscilar entre R$4,00/60kg e R$5,00/60kg (ou seja, de 21 a 37% abaixo do atual preço mínimo de R$6,32/60kg), patamar muito inferior ao custo de produção da ordem de R$6,85/60kg calculado pela Federação das Cooperativas de Trigo e Soja (Fecotrigo) para o Rio Grande do Sul.[3]

Na verdade, o mercado de milho encontra-se especialmente pressionado pelo fato de o total de empréstimos do governo federal (EGF) colhido em outras safras ter alcançado 4,2 milhões de toneladas em fins de janeiro último. Da mesma forma, o somatório das aquisições do governo federal (AGF) alcançava 1,2 milhão de toneladas ao final de 1994. Representando o equivalente a quase quatro meses de consumo comercial, essa estocagem tem pressionado o mercado do grão, pois não só o governo não tem tido recursos suficientes para liquidar os EGF, como também porque o efeito de uma eventual ação neste sentido depreciaria fortemente os preços em plena época de colheita.

IRENE RAGUENET TROCCOLI

[3] Custo operacional + custo de financiamento + custos fixos; em 1º de agosto de 1994; para milho mecanizado; rendimento físico de 4.200kg/ha.

SOJA

Melhora a competitividade da soja brasileira

A correção da política cambial beneficiou as exportações, diminuindo as preocupações do subsetor.

A nova safra vem fazendo com que se aproximem as cotações internas e externas da soja. As suposições de que seria registrada mais uma boa colheita afinal se confirmaram e já circulam estimativas de produção superior a 26 milhões de toneladas, como é o caso da previsão da Conab. Outros órgãos, como o IBGE e o USDA, divulgaram números um pouco menores. O mais recente é o do Departamento de Agricultura norte-americano, de 14 de março, que estima a safra brasileira em 25,1 milhões de toneladas, num contexto de forte aumento da produção mundial (ver tabela).

Ainda há alguns entraves a uma produção tão expressiva. O tempo esteve excessivamente chuvoso e só melhorou no final de fevereiro, quando alguns dos principais estados produtores puderam começar a colher. O maior estado produtor, o Rio Grande do Sul, naturalmente colhe mais tarde, em função de sua localização geográfica. Até o início de março, porém, tinha-se colhido apenas a metade do que se verificou um ano antes.

Em termos de comercialização, também só se vendeu a metade do considerado normal, em razão de uma conjuntura que, em alguns aspectos, é o oposto da de 1993/94, por suas muitas indefinições e maior oferta.

A baixa do dólar no exterior auxilia o complexo de soja a vender mais.

Houve alguma atenuação das preocupações vigentes no subsetor, depois da correção da política cambial (equivocadamente apresentada por alguns órgãos como Plano Real 2), mas as dificuldades esperadas para a comercialização deste ano (ver *Agroanalysis*, mar. 1995) permanecem. A reivindicação dos exportadores foi em parte atendida. Aliás, aqui se encontram algumas divergências, pois há produtores rurais que consideram as medidas insuficientes para compensarem o peso da TR sobre suas dívidas, o que acarretou manifestações de milhares de agricultores nos estados sulinos. Reivindicavam a liberação dos recursos do crédito de comercialização e das últimas parcelas do crédito de custeio. Além, é claro, do fim